

Um Dom do Espírito: O Discernimento

Dom Orlando Brandes
Bispo de Joinville

A expressão “discernimento dos espíritos” ou “de espíritos” encontra-se na 1Cor 12,10 como um entre mais oito dons do Espírito.

É, porém, no tratado da Espiritualidade Inaciana que temos uma reflexão mais atual sobre o tema. Além disso, o

CIC (*Catecismo da Igreja Católica*) fala do discernimento dos carismas (n. 801), do discernimento pastoral (n. 1676), da consciência (n. 1780), do discernimento segundo o Espírito (n. 2820), do dom do discernimento (n. 2846), do Espírito de discernimento (n. 2846). Silencia, porém, sobre o nosso tema: “discernimento dos espíritos”.

A literatura teológica tem produzido não rara bibliografia sobre o discernimento em geral, o dom do discernimento, o discernimento ético e o discernimento vocacional. A questão do *discernimento de espíritos*, porém, interessa mais à espiritualidade inaciana, que também proliferou seus escritos sobre o tema.

O Documento de Santo Domingo tem cinco passagens sobre o discernimento (nn. 168, 151, 77, 80, 82). Nenhuma destas considerações, porém, fala do nosso assunto, e sim do discernimento em geral e do vocacional.

Nossa reflexão, no presente artigo, procura esclarecer os diferentes discernimentos para, na última etapa, contemplar mais de perto o “discernimento dos/de espíritos”.

1. DISCERNIMENTO: CONCEITUAÇÃO E RELEVÂNCIA

Discernir é saber distinguir. É ter sabedoria para julgar corretamente, ser imparcial, fazer avaliação diferenciadora. Discernimento é, pois, ter bom senso, equilíbrio, prudência, sabedoria, maturidade, portanto o oposto de pressa, precipitação, inadvertência, parcialidade, superficialidade, sectarismo, cegueira, falta de auto-crítica, de cosmovisão. Certamente, discernimento é sinônimo de maturidade, de superação de reducionismos, facciosismos, emocionalidades, fanatismos, e oportunismos. O discernimento requer retidão, iluminação, profundidade.

A relevância do discernimento é indiscutível. A sabedoria popular é rica em discernimento, como, por exemplo, ao discernir as nuvens do céu (cf Mt 16,3), a influência da lua, os remédios caseiros e os ditos populares, tão cheios de ensinamentos. Recordamos alguns: “A pressa é inimiga da perfeição” ou, ainda, “O futuro a Deus pertence”, e ainda: “Casa de ferreiro, espeto de pau” etc, etc, sem esquecer o:

“Quem tem telhado de vidro não atire pedra no do vizinho”...

A psicologia faz discernimento entre atitudes conscientes e inconscientes, entre o pensar e o sentir, entre ter tentação e cair em tentação. Já o discernimento ético procura evitar o legalismo, o reformismo de um lado e o laxismo, o relativismo de outro. Oscar CULMAN afirma que “o discernimento é a chave de toda a moral neotestamentária” (in *Christ et le temps*, Neuchâtel-Paris, 1975, p. 164).

Sociologicamente falando, só um discernimento abalizado nos livrará quer da alienação, quer do radicalismo, do autoritarismo, do anarquismo e do basismo. À luz do Evangelho, o dis-

cernimento está no “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mt 22,21).

É pelo discernimento que não atribuiremos aos espíritos o que a parapsicologia nos garante ser poder da mente, nem confundiremos o poder providencial de Deus com a influência dos astros e do zodíaco. Discernir o humano e o divino na Igreja e nos seus ministros; discernir a letra da lei, do espírito da lei; discernir que num erro há sempre uma dose de verdade, é uma necessidade e urgência de cada dia.

É ainda o discernimento que condena o pecado sem condenar o pecador; que evita julgamentos e preconceitos, racismo e exclusões; que percebe, por detrás do alcoolismo, drogas e vícios, os traumas, as carências e a fome de reconhecimento e de afeto da pessoa. Sem discernimento confundimos amor e paixão, sexualidade e genitalidade, carinho e carícia. Pela luminosidade do discernimento saberemos distinguir entre o verdadeiro e o falso profeta, entre ecumenismo e proselitismo, entre alucinação e revelações de Deus às pessoas devotas.

Em nossos dias, o discernimento se faz necessário para diferenciarmos profetismo e politização da fé, ativismo e trabalho pastoral, agitação e ação. É ainda pela luz do discernimento que RCC e CEBs, num sadio pluralismo, podem se completar na vida eclesial, que mística e militância se equilibram, que os “sinais dos tempos” são vistos como **sinais de Deus**. Enfim, sem o discernimento trilharemos o caminho do “ou... ou...”, isto é, da separação. O discernimen-

*“A relevância
do discernimento
é indiscutível”*

to, porém, apresenta a possibilidade da distinção, ou seja, o "e... e...".

2. OS DIFERENTES DISCERNIMENTOS

• **Discernimento dos carismas:** Consiste em julgar a autenticidade ou não dos carismas, seu reto uso, suas diferenças, sua importância e finalidade, corrigir os abusos, advertir contra os enganos (cf 1Cor 12,10 e 14,27-29).

• **Discernimento espiritual:** Tem diversos significados. Pode ser "direção espiritual" ou, mais precisamente, o dom de ser diretor espiritual. Significa também, gosto e cosmovisão espiritual, conaturalidade com as coisas espirituais, quase um "instinto espiritual", aquele "faro das coisas espirituais" e místicas. Significa ainda percepção pessoal subjetiva ou comunitária da vontade de Deus, disposição para praticar o que Deus quer, e pautar a vida sob a luz da fé.

• **Discernimento da consciência:** São os juízos da consciência moral que determinam o reto agir. A consciência reta é aquela que sabe discernir entre a Lei e as circunstâncias.

• **Discernimento ético:** Na moral tradicional é o tratado da virtude da prudência: a reta razão do agir. Ou ainda, a escola do probabilismo, que evitava o legalismo. O discernimento ético é o exercício funcional da consciência que leva à opção fundamental, antecedida pela deliberação, juízo e decisão. O discernimento ético propicia a "moral de discernimento" (Tony MIFSUD), que consiste na superação do rigorismo ou do relativismo e na elaboração de uma ética fundada na dignidade da pessoa, na convivência comunitária e na transformação social.

"O discernimento se faz necessário para diferenciarmos profetismo e politização da fé, ativismo e trabalho pastoral, agitação e ação"

• **Discernimento vocacional:** A vocação é um dom de Deus e resposta da pessoa humana. O discernimento vocacional consiste em descobrir as motivações do profundo da pessoa, conscientes e inconscientes. A pessoa deve conhecer seu "eu real", aceitar suas sombras e qualidades, evitando as

máscaras, as aparências, as inconsistências. Um exemplo: servir os outros para ser aceito, ou, não exigir a observância das leis para ser popular (necessidade de popularidade), ou ainda, doar-se para receber afeto. A vocação consiste em internalizar valores e não, em satisfazer a necessidades pessoais. Discernimento vocacional significa clarear as motivações vocacionais.

• **Discernimento comunitário:** São as decisões da vida em comum, da vivência em equipe, da experiência de vida comunitária. Este discernimento requer princípios de vida em comum, certo grau de relacionamento, atitude de

abertura a Deus e aos membros da comunidade, consciência das limitações, liberdade de diálogo, aceitação do ponto de vista dos outros, desapego das preferências pessoais, busca da vontade de Deus. Um discernimento comunitário bem feito leva ao melhor relacionamento e comunicação interpessoal, maior fraternidade, espírito de entre-ajuda, desapego de si e perdão, compreensão e crescimento, maior zelo apostólico.

• **Discernimento pastoral:** Consiste em evitar a imposição de uma linha de pastoral sem dar espaço para um sadio pluralismo teológico-pastoral, e equilibrar mística e militância, para que a pastoral não se torne canal de politização da fé, nem seja entrave para a autêntica libertação. O discernimento pastoral requer metodologia, planejamento, avaliação e cosmovisão, para que se evite o "personalismo pastoral" que prejudica a pastoral de conjunto.

3. O DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS

3.1 - A leitura bíblica

A expressão, como já lembramos acima, ocorre na 1Cor 12,10, onde Paulo faz uma lista dos diferentes carismas. Na 1Jo também lemos: "*Caríssimos, não deis fé a qualquer espírito, mas examinai se os espíritos são de Deus, porque muitos falsos profetas se levantaram no mundo*".

Segundo os exegetas, o dom do discernimento dos espíritos visa distinguir entre as manifestações carismáticas do Espírito Santo e as manifestações dos oráculos pagãos. Por outro lado, segundo 1Tm 4,1, o diabo tenta imitar o Espírito Santo. O discernimento consiste, pois, em distinguir o que vem do Espírito Santo e o que vem do Maligno. Além desses problemas, há os falsos profetas, as heresias, especialmente o gnosticismo. É preciso, pois, discernir, clarear, distinguir o que vem da mente humana (gnosticismo e heresias), o que vem do Maligno, e o que é manifestação autêntica do Espírito Santo.

Se bem interpreto os autores lidos, discernimento dos espíritos significa "discernimento das inspirações" ou, ainda, "discernimento das diferentes vozes" ou, segundo alguns, "discernimento das intenções". Três são as fontes inspiradoras: **Deus, o Maligno, a Mente humana**. Neste sentido, *discernimento de espíritos* significa identificar as fontes inspiradoras do nosso pensar, querer e agir. No episódio das tentações de Jesus, é possível perceber bem o discernimento de espíritos. Portanto, com uma boa dose de parapsicologia, de pneumatologia e de demonologia, haverá condições para o *discernimento de espíritos*, o que, para o apóstolo Paulo, é um dom (cf 1Cor 12,10).

Outros textos do Novo Testamento referem-se ao discernimento como tal: Rm 12,2; Fl 1,9-11; 1Ts 5,19-11; Cl 1,9-14 e tantas outras passagens. Estes textos não se referem ao "discernimento de espíritos", mas à busca da vontade de Deus em determinada situação, pois é preciso cumprir o plano divino na complexidade das situações.

Concluindo o que dissemos até aqui sobre a leitura bíblica, creio que podemos afirmar: 1 - O discernimento em geral consiste em buscar e praticar a vontade de Deus na complexidade da vida. 2 - O *discernimento dos espíritos* consiste em distinguir as inspirações, vozes, intenções que

motivam nosso pensar, querer e agir, pois três são as fontes inspiradoras: a mente humana, Deus e o Maligno. O discernimento como tal é um esforço humano, já o discernimento de espíritos é um dom do Espírito Santo (1Cor 12,10).

3.2 A leitura inaciana

O discernimento de espíritos é a chave da espiritualidade inaciana. Isto, para que o cristão esteja livre de enganos, descubra a vontade de Deus e chegue a fazer a opção fundamental, a eleição e decisão definitiva pelo Reino de Deus. Neste sentido escreve o jesuíta Cardeal Carlo M. MARTINI: *"Discernimento não é decisão, mas sim, um processo decisório, ou melhor, um 'juízo prudencial', ou, como querem alguns, um 'conhecimento estimativo global', sobre as inspirações que nos movem a decidir e agir"* (in *Abraão, nosso Pai na Fé*, Loyola, SP, p. 148). Segundo MARTINI, o discernimento de espíritos diz respeito à nossa "afetividade religiosa", isto é, aos desejos, moções, impulsos, movimentos afetivos (consolação - desolação) que movem nosso pensar, querer e agir.

Lembramos aqui apenas alguns elementos do discernimento segundo a leitura inaciana. Antes de tudo é preciso *"ordenar os afetos desordenados"*, para adquirir a liberdade interior, a pureza de coração, para querer o que Deus quer e para que tudo seja para seu louvor e glória. Santo Inácio ajuda a pessoa a discernir as moções, impulsos, inspirações, que vêm do espírito bom e do espírito mau.

Para a pessoa que está num estado de tibieza, de pecado, de fraqueza espiritual, o espírito mau traz satisfação, euforia, paz, conformação com essa realidade, para que a pessoa permaneça assim e não se converta. Já o espírito bom, na pessoa em pecado, incute inquietação, tristeza, frustração, divisão interior, inconformidade, para que a pessoa se converta e mude de vida.

Para a pessoa que está em progresso espiritual, em graça e virtude, o espírito mau incute tristeza, frustração, dúvida, divisão interior, inquietude, para que ela venha a decair e pecar. Já o espírito bom traz a paz, alegria, vibração, realização, unidade interior, para confirmar tal pessoa no crescimento espiritual.

Estes são alguns elementos do discernimento de espíritos segundo a espiritualidade inaciana. Entretanto, é preciso ainda refletirmos sobre as **condições humanas**, para que a graça encontre colaboração por parte da natureza.

Vejam, pois, quais são estas **condições** necessárias, a saber: 1) Todo discernimento supõe conhecimento da Bíblia e da Tradição. Sem estas fontes não é fácil o exercício deste dom do Espírito. 2) Outra condição é o impulso amoroso, isto é, a generosidade e abertura por parte da pessoa. Evitam-se assim os impedimentos à ação da graça. 3) Atitude de fé: se a razão é informada e iluminada pela fé, ambas contribuem para a facilitação do processo do discernimento. 4) A prática da oração: as pessoas que rezam fazem experiências de discernimento mais acertadas, porque a oração lhes proporciona afinidade com Deus, com o Evangelho e

com a Igreja. 5) A hierarquia da Igreja tem o dever de discernir os carismas. Por isso, a obediência ao Magistério e a fidelidade à doutrina da Igreja é condição para o bom andamento do processo decisório. 6) O dever de estado: um discernimento não deve ir contra o dever de estado e as obrigações da pessoa, como por exemplo: um cônjuge negar-se ao relacionamento íntimo, que é um dever de estado. 7) Dispor-se internamente, determinar-se, estar em busca, esforçar-se, desejar acertar, querer descobrir a vontade de Deus, "como se tudo dependesse de mim" (Santo Inácio).

Em resumo, as condições prévias para a prática do discernimento de espíritos são: a fé como iluminação, o desejo de querer o que Deus quer, a purificação do coração, a disponibilidade interior, a vida de oração, percepção das moções e apelos do Espírito. Estas são as condições espirituais.

Além delas, podemos apontar **três condições humanas**, pois a graça supõe a natureza: 1) Ordenar a afetividade: com afetos e emoções desordenadas e feridas, não se tem espaço para o discernimento. 2) Objetividade, a maior possível: sob preconceitos, parcialidades, interesses, teimosias ou sectarismos, não se tem condições mínimas humanas de objetividade, de bom senso, para alcançar o discernimento requerido. 3) Sensibilidade humana: ser sensível a si mesmo, aos outros e a Deus, muito contribui para se obter a meta do discernimento.

Quanto ao processo prático do discernimento, a espiritualidade inaciana aconselha: Em primeiro lugar, é preciso colocar claramente a questão, isto é, o objeto do discernimento, diante de Deus. Clareza do que se quer. Segundo, oração e muita escuta da Palavra. Saber ouvir, ter a paciência da escuta. Terceiro: liberdade interior, "indiferença", disponibilidade. Quarto: propósito de querer fazer a vontade de Deus e buscar Sua glória. Quinto: avaliar as vantagens e desvantagens, os prós e os contra, das diferentes opções (sacerdócio ou casamento, por exemplo). Não considerar só a quantidade dos argumentos mas sua qualidade, seu peso, seu valor estimativo. Sexto: exame de consciência, mais oração para buscar novas razões e fundamentos. Sétimo: confirmação, da decisão tomada, pela consolação, paz, alegria, fervor, tranqüilidade.

Quanto ao processo prático do discernimento, a espiritualidade inaciana aconselha: Em primeiro lugar, é preciso colocar claramente a questão, isto é, o objeto do discernimento, diante de Deus. Clareza do que se quer. Segundo, oração e muita escuta da Palavra. Saber ouvir, ter a paciência da escuta. Terceiro: liberdade interior, "indiferença", disponibilidade. Quarto: propósito de querer fazer a vontade de Deus e buscar Sua glória. Quinto: avaliar as vantagens e desvantagens, os prós e os contra, das diferentes opções (sacerdócio ou casamento, por exemplo). Não considerar só a quantidade dos argumentos mas sua qualidade, seu peso, seu valor estimativo. Sexto: exame de consciência, mais oração para buscar novas razões e fundamentos. Sétimo: confirmação, da decisão tomada, pela consolação, paz, alegria, fervor, tranqüilidade.

CONCLUSÃO

O discernimento é condição para uma vida sem fanatismos e extremismos. Entre conservadores e progressistas, há um "terceiro homem", o que tem o dom do discernimento.

Discernir é acordar a consciência para não sermos vítimas da massificação, programação e manipulação dos persuasores ocultos e declarados da cultura, dos noticiários, das propagandas, das religiões. Nem autoritarismo, nem liberalismo, mas "liberdade com responsabilidade" é o caminho de quem sabe discernir.

Discernimento é a sabedoria que vem do bom senso e da prudência. O dom do discernimento é graça do Espírito na busca da vontade de Deus. O discernimento de espíritos, isto é, das aspirações e motivações do nosso pensar, querer e

*"Todo
discernimento
supõe
conhecimento
da Bíblia e
da Tradição"*

agir, nos livra dos enganos da vida humana e espiritual. É o caminho da maturidade cristã.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV., *Discernimento de espíritos*, Concilium, 139 (1978)
- CHAGAS, C., *Discernimento: Arte ou Dom?*, Ed. Louva-a-Deus Ltda, Rio de Janeiro, 1981
- Dicionários Bíblicos e Teológicos
- MIFSUD, T., *Hacia una Moral libertadora, Moral de Discernimiento*, Ed. Paulinas, Santiago de Chile, 1988

Endereço do Autor:

Residência Episcopal
Caixa Postal 284
89201-970 JOINVILLE, SC

A Era do Espírito

Os Inícios da Renovação Carismática Católica

Elias Dimas dos Santos
Coordenador da RCC em Joinville

A Renovação Carismática Católica apareceu na Igreja exatamente no momento em que se começava a procurar caminhos para pôr em prática a "renovação" eclesial desejada, ordenada e inaugurada pelo Concílio do Vaticano II.

Podemos dizer que foi o papa JOÃO XXIII o precursor da RCC. Sua é esta oração que ele mesmo compôs como preparação espiritual da Igreja, logo depois de, em 25 de janeiro de 1959, anunciar seu propósito de convocar um Concílio Ecumênico:

Renove-se no povo cristão o espetáculo dos Apóstolos reunidos em Jerusalém, depois da Ascensão do Senhor ao céu, quando a Igreja nascente se encontrou reunida em comunhão de pensamento e de oração com Pedro e em torno de Pedro, pastor dos cordeiros e das ovelhas.

Digne-se o Divino Espírito escutar da forma mais consoladora a oração que sobe a Ele de todas as partes da terra. Que Ele renove em nosso tempo os prodígios como de um novo Pentecostes, e conceda que a Santa Igreja, permanecendo unânime na oração com Maria, a Mãe de Jesus, e sob a direção de Pedro, dilate o Reino do Divino Salvador, Reino de Verdade e de Justiça, Reino de Amor e de Paz. Assim seja.

Não havia passado um ano sequer do término do Concílio, quando, no verão-outono de 1966, numa sala de universidade dos EE.UU., começou a despontar o fenômeno religioso chamado agora de **Renovação Carismática Católica**.

Nestas circunstâncias, a Renovação aparece como um acontecimento pós-conciliar estreitamente vinculado ao próprio Concílio, em uma conjuntura histórica importante para a Igreja.

A Renovação Carismática é, segundo a expressão do Cardeal SUENENS, como que uma segunda graça de Deus para a Igreja e o mundo, depois dessa primeira que foi o Concílio do Vaticano II. O Concílio foi uma graça pentecostal eclesial a nível de Bispos. A RCC é uma graça pentecostal eclesial a nível da grande comunidade cristã.

A RCC aparece, entre outras características, em relação muito profunda com a experiência do Pentecostes, e se coloca expressamente sob o signo do Espírito.

COMO NASCEU A RCC

Foi em Pittsburgh, na Pensilvânia, nos Estados Unidos, em agosto de 1966. Durante o Congresso Nacional de Cursilhos de Cristandade, Steve CLARK, formado pela Universidade de Duquesne, na mesma cidade de Pittsburgh, mencionava o livro *A Cruz e o Punhal*, de John SHERRIL, sobre o apostolado do pastor pentecostal David WILKERSON entre os jovens drogados de Nova York, dizendo aos presentes que esse livro o intrigava e o inquietava, e instava para que o lessem.

Em outubro-novembro do mesmo ano de 1966, vários leigos católicos, membros das Faculdades da já citada Universidade de Duquesne, dos Padres do Espírito Santo, começaram a reunir-se frequentemente para momentos de oração fervorosa e para conversar sobre a vitalidade da sua prática da fé. Aqueles professores haviam-se dedicado ao longo de muitos anos ao serviço do Cristo, entregando-se a várias atividades apostólicas. Apesar de tudo, sentiam que algo faltava na sua vida cristã pessoal. Ainda que não pudessem especificar o porquê, cada um reconhecia que havia certo vazio, uma falta de dinamismo, uma debilidade espiritual em suas orações e atividades. Era como se a sua vida